

V15

O Estado da Educação em Portugal

– visto por Maria Emília Brederode Santos **JL/Educação**



**JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS**

JL

Ano XL • Número 1317 • De 24 de março a 6 de abril de 2021
• Portugal (Cont.) €3,30 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos



JOSÉ GARDEAZABAL

**A Quarentena
(em) novo romance**

Entrevista de Luís Ricardo Duarte,
pré-publicação, crítica de Miguel Real

PÁGINAS 10 A 13

Elvira Fortunato

A revolução de papel

A Autobiografia, para o JL, da investigadora
com uma obra notável, agora distinguida
com o Prémio Pessoa. E texto de Rosalia
Vargas, presidente da Ciência Viva **PÁGINAS 4 A 9**



livro), que como um álbum de recordações se dá a ler. O homem, os afetos, a dimensão antropológica que a poesia pode conter, esse universo de contemplanções e refrações (imagens refratas, coadas no sendal íntimo dum lirismo de observação e de análise), traduz-se numa linguagem de lhaneza e, ao mesmo tempo, de ressonância emotiva. Não há exclamações em Reis-Sá, há uma matéria que se adestra, que se domina: o poema.

É no espaço da linguagem que o poeta de *Instituto de Antropologia* medita sobre os baldios da existência, o tojo, “a caruma dos pinheiros”, certas figuras familiares, mergulhando numa geografia familiar, de que despontam, ao correr-se o itinerário da memória, um ramo de oliveira, uma merenda que se dava às crianças, naquilo que poderíamos ver como um realismo de nevoeiro. É que, de facto, a sobriedade verbal, a descrição elíptica, o recurso à alusão, isso confere aos poemas de Reis-Sá um *sotto voce*, como se escrita obedecesse a um ritmo lento, de gestação demorada. Certas analogias podem mesmo funcionar como artes poéticas: “Ocupar este espaço, que livre se insinua. / Riscar um verso, uma palavra, andar à sua / procura como um cão de comida pela rua. / E, no final, abrandar a escrita, tornar aço // a imaginação que aqui se mistura. / Dela não era a palavra, antes a bela / face que fez a minha procura.” (p.15).

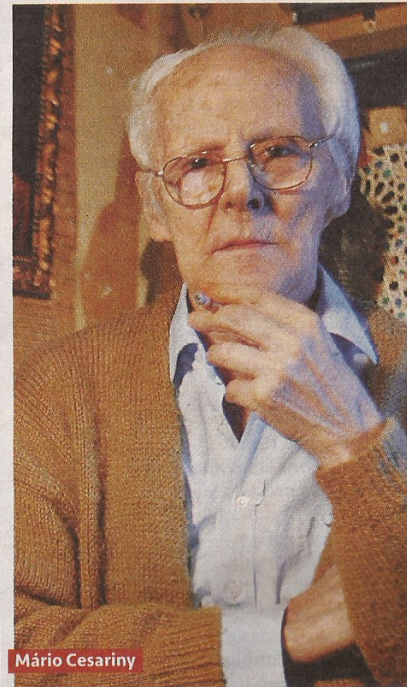
Jaguaritirica/ Gato Bravo, que conta no catálogo dos seus autores também com Luís Serguilha, Pedro Miranda Albuquerque, Paulo Scott, e revelou vozes que deviam chegar a mais público, como Alexandra Maia ou Rita Dias, e em cujas linhas editoriais encontramos também o romance e o ensaio, merece uma maior atenção por parte da crítica de poesia que não se deixe enfeudar por modas e modismos de ocasião. Que se veja o que Paula Cajaty tem publicado e se dê a conhecer o seu trabalho – para isso também serve a crítica literária: para valorizar quem muito tem feito pela

A edição póstuma da poesia de Mário Cesariny

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Depois de uma primeira reunião por Perfecto E. Cuadrado da poesia de Mário Cesariny, num volume de quase 800 páginas, *Poesia* (2017, Assírio & Alvim), acontecimento que aqui neste mesmo jornal comentámos (JL, 31-1-2018), surgiu agora, na mesma editora, pela mão do mesmo responsável, uma segunda reunião da sua poesia num volume de quase 600 páginas, intitulado *Poemas dramáticos e Pictopoemas*.

O volume tem méritos indelmentáveis, sobretudo na segunda parte, em que nos dá a conhecer trabalhos e livros que circularam de forma reduzida, num círculo muito restrito, antes desta edição. *Tem dor e tem puta*, um livro de 2000 com edição do anti-quário Ernesto Martins, teve uma tiragem de 150 exemplares, todos assinados pelo autor. O mesmo Ernesto Martins compilou em 2007 o volume *Cesariny – Poeta/Pintor surrealista*, reproduzindo o último testamento de Cesariny e dando a conhecer fotografias raras de família, que teve uma edição de seis exemplares. Quase todos os livros reproduzidos na segunda parte deste volume, em número de quatro – ou de cinco, se juntarmos os dispersos –, estão nesta situação. Edições restritas de arte, pouco acessíveis, com tiragens reduzidíssimas, só agora esses trabalhos chegam ao grande público. Só se lastima que um deles, *Timothy McVeigh – o condenado à morte* (2006), obra maior das preocupações sociais e políticas do seu



Mário Cesariny

longo poema chamado “Pena capital”, que fechava em 1956 a 1ª edição do livro com o mesmo nome e que passou nas edições seguintes a figurar em penúltimo – acabaram por ficar no primeiro volume de 2017. Teria sido mais avisado na edição póstuma da sua obra poética aceitar que neste poeta a poesia não se divide – tudo nele é drama e música, voz e lira – e que nesse sentido ganharíamos com uma obra poética una, dividida em dois tomos, *Poesia I e Poesia II*, que nos dessem sem a mais pequena alteração a sucessão dos livros poéticos tal como o autor os organizou para o prelo. Pedia-se aqui um editor menos interventivo, um responsável mais apagado e comedido, que abdicasse da sua autoridade e privilégios e respeitasse sem reboço as opções do autor – que as amadureceu no curso dum longo período que vai pelo menos de 1980 a 2004, última edição de *Pena capital*.

Uma última nota para a biografia de Mário Cesariny, da autoria de António Soares, que fecha o volume. No texto que publicámos neste mesmo jornal em 2018, atrás referenciado, alertámos para alguns erros aborrecidos desta biografia/cronologia – a colaboração de Cesariny com a *Seara Nova* não se reporta a 1945 mas a 1946 e 1947; a colaboração com a revista *Aqui e Além*, não respeita apenas ao ano de 1945 mas alonga-se a 1946; a visita a Teixeira de Pascoas não foi em 1951 mas em março de 1950 – na esperança que fosse possível

preciso confirmá-lo – que a fonte da peça esteja mais no teatro político francês do tempo, de Montherlant a Sartre, do que em

uma palavra, andar a sua / procura como um cão de comida pela rua. / E, no final, abrandar a escrita, tornar aço // a imaginação que aqui se mistura. / De lá não era a palavra, antes a bela / face que fez a minha procura.” (p.15).

Jaguaritirica/ Gato Bravo, que conta no catálogo dos seus autores também com Luís Serguilha, Pedro Miranda Albuquerque, Paulo Scott, e revelou vozes que deviam chegar a mais público, como Alexandra Maia ou Rita Dias, e em cujas linhas editoriais encontramos também o romance e o ensaio, merece uma maior atenção por parte da crítica de poesia que não se deixe enfeudar por modas e modismos de ocasião. Que se veja o que Paula Cajaty tem publicado e se dê a conhecer o seu trabalho – para isso também serve a crítica literária: para valorizar quem muito tem feito pela poesia de língua portuguesa. **JL**

situações são mais reconhecíveis (Safo, Harriet Tubman, Mary Wollstonecraft, o Movimento das Sufragistas, Rosa Luxemburgo, Margaret Sanger, Malala), há vários outros que o serão menos; e mesmo a abordagem a alguns pensadores conhecidos vale muito a pena, porque feita de uma perspetiva menos habitual. Importante é que a informação estimule o leitor a procurar saber mais.

Isto porque, dadas as suas características e alcance, a narrativa é inevitavelmente breve e fragmentada, os temas e personalidades apenas aflorados, de forma simples e icónica, sendo claro que este não é o veículo para contextualizações complexas, mas para apresentar efemérides e figuras que muitos leitores desconhecirão. Por seu turno, as soluções gráficas, se apropriadas para as escolhas do texto, são sobretudo ilustrações soltas, com um mínimo de ritmo sequencial. Só que às vezes não é preciso brilhantismo para se recomendar um livro que pode ser muito útil, apesar de telegráfico. Sobretudo em lutas que, como as autoras muito bem vincam, não estão terminadas, e quando estão em causa conquistas que podem, realisticamente, ser revertidas. Para isso toda a pedagogia e ativismo são bem-vindos, sejam ou não em BD. **JL**

com de forma restrita, mas com um acesso restrito, antes desta edição. *Tem dor e tem puta*, um livro de 2000 com edição do anti-quário Ernesto Martins, teve uma tiragem de 150 exemplares, todos assinados pelo autor. O mesmo Ernesto Martins compilou em 2007 o volume *Cesariny – Poeta/Pintor surrealista*, reproduzindo o último testamento de Cesariny e dando a conhecer fotografias raras de família, que teve uma edição de seis exemplares. Quase todos os livros reproduzidos na segunda parte deste volume, em número de quatro – ou de cinco, se juntarmos os dispersos –, estão nesta situação. Edições restritas de arte, pouco acessíveis, com tiragens reduzidíssimas, só agora esses trabalhos chegam ao grande público. Só se lastima que um deles, *Timothy McVeigh – o condenado à morte* (2006), obra maior das preocupações sociais e políticas do seu autor, com edição original da Galeria Perve, não tenha sido reproduzido, com certeza sem que nisso o organizador da obra tenha qualquer responsabilidade, e continue inacessível a público mais largo.

Outro mérito indiscutível deste livro é dar-nos a conhecer um inédito de Cesariny da década de 40 do século passado, *Projeto não terminado de teatro radiofónico/1944-1945*, título que parece da responsabilidade do organizador. São nove episódios, que se espalham ao longo de quase cem páginas (pp. 115-201), e que tomam por motivo um ponto do reinado de Afonso II, que em alguma coisa tem dividido os historiadores. Estão em causa as Cortes de Coimbra de 1211, que definiram uma política centralista para o poder real e trouxeram consequências marcantes, como os embates do rei com o clero, a nobreza e as irmãs. É o prolongado conflito com uma delas, a infanta Teresa, que Cesariny dramatiza na sua peça.

Muito haverá a dizer sobre este inédito, mas numa curta nota desta natureza chamamos só a atenção para dois aspetos – a destreza dos diálogos e da informação histórica, o espanto num jovem de 21 anos, e o ponto crucial da peça centrado num conflito edipiano entre pai e filho, o Alcaide-Mor de Coimbra e o seu filho Gil Valadares, o futuro Frei Gil de Santarém, que Eça retomou nas vidas de santos e Maria Estela Guedes há pouco crismou um santo carbonário. Pode acontecer – mas é



Mário Cesariny

GONÇALO ROSA DA SILVA

preciso confirmá-lo – que a fonte da peça esteja mais no teatro político francês do tempo, de Montherlant a Sartre, do que em Eça, Teófilo e outros que trouxeram até nós a lenda egípcia dum Fausto ibérico.

Mas esta edição póstuma da poesia de Cesariny tem também alguns problemas. A designação *Poemas dramáticos* – a de *pictopoemas* é mais pacífica – levanta questões e dúvidas que parecem insolúveis. Nunca o autor dividiu a sua obra poética em “Poesia” e “Poemas dramáticos”, sendo essa divisão uma novidade destas edições póstumas, cuja responsabilidade pertence ao organizador. Ora esta divisão levou à desarticulação dos livros tal como autor os deu e pensou. Do livro *Primavera autónoma das estradas* (1980), coletânea com que se estreou na editora Assírio & Alvim e que foi republicado em 2017 no volume *Poesia*, saiu o texto “Consultório do Dr. Pena e do Dr. Pluma”, para ser agora editado nos *Poemas dramáticos*. O mesmo sucedeu com “Um auto para Jerusalém” que saiu da edição do livro *Nobilíssima visão*, onde o autor o colocou em 1976 e donde não mais o tirou até à edição final de 1991. O mesmo aconteceu à “A Norma de Bellini”, que saiu do livro *Pena Capital* para vir dar ao volume ora editado. Estes livros foram assim republicados na coletânea de 2017 desfigurados em relação às edições feitas em vida do autor e sem alguns dos seus textos mais significativos.

Não vejo deste modo qualquer vantagem ecdótica em dividir a obra poética de Cesariny em “poesia” e “poemas dramáticos”, até porque alguns poemas dramáticos típicos – um exemplo, mas não único, é o

responsável mais apagado e comedido, que abdicasse da sua autoridade e privilégios e respeitasse sem reboço as opções do autor – que as amadureceu no curso dum longo período que vai pelo menos de 1980 a 2004, última edição de *Pena capital*.

Uma última nota para a biografia de Mário Cesariny, da autoria de António Soares, que fecha o volume. No texto que publicámos neste mesmo jornal em 2018, atrás referenciado, alertámos para alguns erros aborrecidos desta biografia/cronologia – a colaboração de Cesariny com a *Seara Nova* não se reporta a 1945 mas a 1946 e 1947; a colaboração com a revista *Aqui e Além*, não respeita apenas ao ano de 1945 mas alonga-se a 1946; a visita a Teixeira de Pascoas não foi em 1951 mas em março de 1950 – na esperança que fosse possível parar uma cadeia de erros repetidos que vinham muito de trás. Pois esses lapsos repetem-se palavra a palavra, número a número, nesta edição. Isto indicia alguma pressa e desatenção, o que se lastima na edição de um poeta tão completo e tão genuíno como Cesariny.

Deixo um exemplo, mas esse flagrante, que nada abona a revisão do volume. O inédito para teatro radiofónico é dado na página 115 como sendo de 1944-45 e no prefácio do responsável da edição como pertencendo ao ano de 1947, data que se repete na nota final (p. 555). Ora não é desprezível para a sua hermenêutica saber se ele pertence, como parece pertencer, a 1944-45, período em que o autor militou no Partido Comunista Português, ou a 1947, ano da sua adesão ao surrealismo e do seu encontro em Paris, no Verão, com André Breton. **JL**



► Mário Cesariny
**POEMAS
DRAMÁTICOS E
PICTOPOEMAS**

Edição, prefácio e notas
de Perfecto E. Cuadrado.
Assírio & Alvim, 576 pp.,
44 euros

ste narração inocente

e Almeida

mal, de Baudelaire, recentemente em Portugal com nova edição, como se sabe, uma obra sagrada. É um livro de re- literatura do Mal que evoca: "não se pode amar comple- tamente se condena", segundo

Em 1651, com o seu respeito da violência uma "vida solitária, brutal e contida na natureza do Mal, a desconfiança; terceiro, a vitima e o obser-

em cada ato de

soberania.) Encontrado e adotado por camponeses pobres, Genet foi preso após roubá-los. Fugiu da prisão de menores, viveu na miséria, da mendicância e de roubos, prostituiu-se e traiu todos os seus companheiros da marginalidade. Manteve-se zelosamente a serviço do mal e na prisão começou a escrever a sua obra. Depois de solto, os seus livros foram editados, nomeadamente *Diário de um ladrão*, que o tornou uma celebridade.

Um renomado encenador francês estreou uma das suas peças que incita ao assassinio e se tornou um êxito que se estende, até hoje, por teatros do mundo inteiro. Em Portugal, Carlos Avilez já encenou várias peças de Genet e é um profundo conhecedor da sua obra.

(Recordo que vi em São Paulo, nos anos 70, produzida e interpretada por Ruth Escobar, portuguesa e destacada personalidade do teatro brasileiro, a peça "O balcão", encenada pelo premiado encenador argentino Victor Garcia (1934/1982, tendo dirigido o CITAC, de Coimbra, na segunda metade dos anos 60) em que o teatro teve o seu interior demolido e reconstruído em pirâmide de metal onde

atores e público interpretavam e assistiam como fantasmas tristes em completa suspensão e intranquilidade, encenação que teve grande repercussão internacional. Enfim Genet tornou-se um autor polémico e com reconhecimento popular.

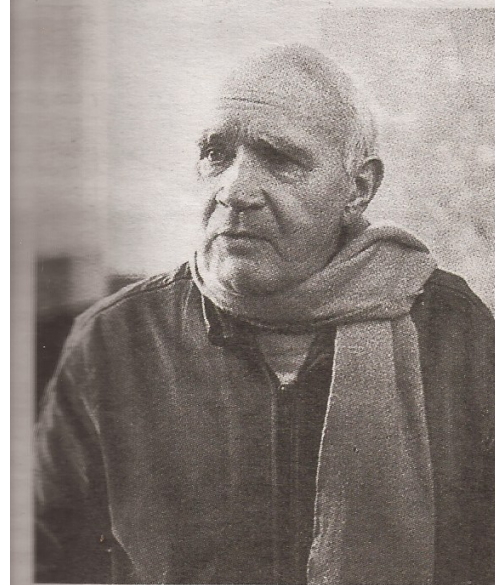
O Presidente da República de França em decisão inédita perdoou-lhe as penas salientando que o autor se vangloria em seus livros, portanto confessa os crimes cometidos. E uma de suas vítimas conheceu-o e homenageou-o: "Muito honrado senhor. Faça somente o favor de continuar." Sartre a este respeito escreveu: "Vocês qualificarão esta história de inverosímil: foi, no entanto, o que aconteceu a Genet." O famoso filósofo existencialista muito contribuiu para este reconhecimento com os seus textos e livros sobre o escritor, nomeadamente *Saint Genet*.

A soberania é o poder de se colocar na indiferença para com a morte, acima das leis que asseguram a manutenção da vida. A santidade inspira-se no santo, como sendo aquele que atrai a morte – o sentido da palavra "santo" é "sagrado" e sagrado designa o interdito, o que é violento e talvez perigoso

– e a santidade de Genet é consagrada e introduz o Mal e o interdito na existência humana.

Muitas das suas peças foram adaptadas para o cinema, como *O balcão*, *As criadas*, interpretadas por Glenda Jackson e Susannah York, *Chamas de Verão*, realizado por Tony Richardson, com Jeanne Moreau, Veneno, *Querelle*, de Rainer Fassbinder, entre outros. Por outro lado recorde-se *Três pedras para Jean Genet*, de Patti Smith, sobre a sua visita à campo do escritor em Marrocos.

A consagração sem reserva do Mal, e a soberania e santidade do Mal que a obra de Genet suscita, salientada nos estudos de Sartre, foi considerada por alguns críticos como um snobismo literário. E estes



Jean Genet "A consagração sem reserva do Mal"

– e a otimismo a que acrescenta elementos sociais seriam inocentes. Adiante.

– e a moral ligada à

s escritores



PROPRIETÁRIA/EDITORIA: TRUST IN NEWS, UNIPESSOAL LDA.

SEDE: Rua da Fonte da Caspolina - Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, nº8, 2770-190 Paço de Arcos

NIPC: 514674520

GERÊNCIA DA TRUST IN NEWS: Luís Delgado,

Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.

COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE

PROPRIETÁRIA: 10.000,00 euros

PRINCIPAL ACIONISTA: Luís Delgado (100%)

PUBLISHER: Mafalda Anjos

JL
JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

DIRETOR: José Carlos de Vasconcelos



REDATORES: Maria Leonor Nunes, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte. Colaboradores permanentes: Afonso Cruz, Agripina Carrico Vieira, André Freire, António Carlos Cortez, António Mega Ferreira, Boaventura de Sousa Santos, Carlos Fiolhais, Carlos Reis, Daniel Têrdo, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Helena Simões, Jacinto Rego de Almeida, João Góvern, João Ramalho Santos, Lídia Jorge, Manuela Paraiso, Mª Alzira Seixo, Mª Emilia Brederode Santos, Mª José Rau, Mª João Fernandes, Mª Augusta Gonçalves, Miguel Real, Miguel Sanches Neto, Nuno Júdice, Onésimo Teotónio de Almeida, Paulo Gilnorte, Patrícia Portela, Sofia Soromenho, Tiago Patrício, Tiago Rodrigues, Valter Hugo Mãe e Viriato Soromenho-Marques

OUTROS COLABORADORES: Álvaro Laborinho Lúcio, Ana Maria Bettencourt, A. Cândido Franco, António Pedro Pita, António Sampaio da Nôvoa, Arnaldo Saraiva, B. Bénard-Quedes, Carlos Mendes de Sousa, Fernando J. B. Martinho, Gastão Cruz, Filinto Lima, Eduardo Marçal Grilo, Graça Morais, Hêlia Correia, Ignácio de Loyola Brandão, Inês Pedrosa, João Abel Manta, João Caração, João Costa, J. A. Cardoso Bernardes, José-Augusto França, José Luís Peixoto, José Gomes André, José Manuel Castanheira, José Manuel Mendes, José Reis, Leonel Santos, Leonor Xavier, Manuel Alegre, Manuel Frias Martins, Marcello Duarte Mathias, Mª Fernanda Abreu, Mª Graciete Besse, Mª Helena Serôdio, Mª Irene Ramalho, Mª Luísa Ribeiro Ferreira, Mário Avelar, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, Mário Vieira de Carvalho, Miguel Carvalho, Nélida Piñon, Norberto Vale Cardoso, Ondjaki, Pilar del Rio, Ramón Villares, Ricardo Araújo Pereira, Rogério Miguel Puga, Rui Vieira Nery, Sérgio Rodrigues, Salvato Teles de Menezes, Sofia Soromenho, Teolinda Gersão, Teresa Toldy

PAGINAÇÃO: Patrícia Pereira

SECRETÁRIA: Teresa Rodrigues

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Gescio

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS: Rua da Fonte da Caspolina - Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, 8 2770-190 Paço de Arcos - Tel.: 218 705 000 Fax: 218 705 001 email: jl@jornaldeletras.pt. Delegação Norte: Rua Roberto Ivens, 288 4450-247 Matosinhos - Tel.: 220 993 810

MARKETING: Marta Silva Carvalho (diretora) - mscarvalho@trustinnews.pt e Marta Pessanha (Gestora de Marca) - mpessanha@trustinnews.pt

PUBLICIDADE: Vânia Delgado (Diretora Comercial) vdelgado@trustinnews.pt; Maria João Costa (Diretora Coordenadora de Publicidade) mjcosta@trustinnews.pt; Mariana Jesus (Gestora de Marca) mjesus@trustinnews.pt; Mónica Ferreira (Gestora de Marcas) mferreira@trustinnews.pt; Rita Roseiro (Gestora de marca) - rroseiro@trustinnews.pt; Elisabete Anacleto (Assistente Comercial) eanacleto@visao.pt; Florbela Figueiras (Assistente Comercial) ffigueiras@visao.pt; DELEGACAO PORTO: Margarida Vasconcelos (Gestora de marca) mvasconcelos@trustinnews.pt; Rita Gencis (Assistente Comercial) rgencis@trustinnews.pt; PARCERIAS E NOVOS NEGÓCIOS: Pedro Oliveira (Diretor) poliveira@trustinnews.pt

BRANDED CONTENT: Rita Ibérico Nogueira (Directora)

mogueira@trustinnews.pt

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO: João Mendes (Diretor)

Telf Lisboa - 21 870 5000

Telf Porto - 22 099 0052

PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS: Vasco Fernandez (Diretor), Pedro Guilhermino (Coordenador de Produção), Nuno Carvalho, Nuno Gonçalves e Paulo Duarte (Produtores), Isabel Anton (Coordenadora de Circulação), Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)

SERVIÇO DE APOIO AO ASSINANTE: Tel.: 21 870 50 50 (Dias úteis das 9h às 19h)

IMPRESSÃO: Litográfica - Casal de Sta. Leopoldina - 2745 Queluz de Baixo. Distribuição: VASP MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal. Venda Seca, 2739-511 Agualva-Cacém Tel.: 214 337 000. Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt - Tel.: 808 206 545, Fax: 808 206 133

TIRAGEM MÉDIA: 7 100 exemplares

Registo na ERC com o nº 107 766

Depósito Legal nº 127961/98 - ISSN nº 0872-3540

Estatuto editorial disponível em www.visao.sapo.pt/informacaooperante

A Trust in News não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedade dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias. Interditada a reprodução, mesmo parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob qualquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais.

